



MARIA DO CARMO SANTOS DOMITE (1948-2015)

Inteligente e supersticiosa professora da USP

PEDRO IVO TOMÉ
DE SÃO PAULO

A superstição da professora livre-docente da USP Maria do Carmo Santos Domite, da Faculdade de Educação, era um tema que rendia muitas risadas entre os três filhos dela.

Nas reuniões dominicais da família, uma história costumava ser lembrada: nos anos 1980, ao jogar um pedaço de papel em um dos córregos de São Paulo por

causa de uma simpatia, a professora acabou arremessando a chave do próprio carro na água e perdeu o dia.

Nascida e criada na capital, era a mais velha das três filhas de Napoleão, médico, e da professora Maria. Demonstrava ter uma cabeça privilegiada desde cedo: adiantada dois anos na escola, acompanhava perfeitamente sua turma.

No início da adolescência, passou em segundo lugar na prova de admissão do tradi-

cional colégio paulistano Liceu Pasteur, apesar do ceticismo da mãe na aprovação.

O medo de que a filha se tornasse “subversiva” nos anos 1960 fez com que o pai a impedisse de, no dia do exame, fazer o vestibular da USP. No meio do caminho, o médico deu meia-volta com o carro, justificando que não podia guiar devido à chuva.

Maria do Carmo, então, graduou-se em matemática pela PUC-SP em 1969. Um ano an-

tes, casou-se com Celso —o matrimônio com o empresário terminou em 1994.

Educar era seu prazer. Chegava a abrir sua casa para os alunos aos domingos, interessada pelo aprendizado da matemática entre indígenas.

Há três anos, foi diagnosticada com câncer de útero. Morreu no dia 6, aos 67 anos, após passar três dias internadas devido à doença. Deixa três filhos e quatro netos.

coluna.obituario@uol.com.br